

# A Estatística ao serviço do planeamento preventivo e na análise e gestão do risco



**Por: Osvaldo Silva**  
**Professor Auxiliar do Departamento**  
**de Matemática e Estatística**  
**da Faculdade de Ciências e Tecnologia**  
**da Universidade dos Açores**  
**CICSNOVA.UAc**  
**osvaldo.dl.silva@uac.pt**

No período atual de pandemia de Covid-19, em que a sociedade, abrangendo as suas instituições e os seus cidadãos, passa por situações particularmente atribuladas, em que se questiona todas as opções tomadas ou que deviam ser tomadas. Todos esses comentadores, que na gíria futebolística se designam por jogadores de bancada, a darem os seus palpites de acordo com as suas conveniências e oportunismo momentâneo, parece que quase dominam plenamente as artes adivinhatórias. Espantosamente, conseguem adivinhar o que já se passou e agora só lhes falta prever exatamente o futuro.

Na atualidade existe uma certa descrença e incompreensão por parte da sociedade em relação a algumas das medidas adotadas no decurso desta pandemia e às alterações efetuadas sem serem devidamente explicadas, com dificuldades de comunicação por parte dos organismos e agentes responsáveis, com a incompreensível falta de uma linguagem objetiva e sucinta para que todos percebam realmente os propósitos das ações a serem desencadeadas. Infelizmente os dados revelam que houve um relaxamento e um afrouxar do acatamento responsável das medidas que deveriam ter sido preconizadas. Todos sugerimos que o risco deriva do efeito da incerteza no que concerne à definição clara dos objetivos pretendidos com as ações a serem desenvolvidas no decurso da pandemia, enquanto a incerteza é o resultado da falta de conhecimento sobre a mesma. Assim, a falta de conhecimento relativamente ao modo como se tem desenrolado a pandemia tem sido a fonte dos riscos.

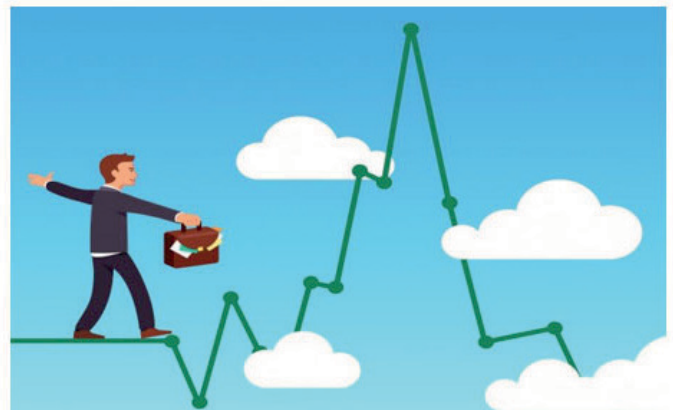
O grande aumento das infeções e de mortes associadas ao novo coronavírus, SARS-CoV-2, revela uma fraca gestão de risco por parte dos líderes na governação da sociedade e das suas instituições basilares como sejam ao nível da saúde e da educação. O risco existe sempre e ainda é mais predominante em períodos e em contextos desconhecidos. A existência de uma diversidade de riscos implica que estes devem ser identificados e avaliados, devendo por isso estar estabelecida uma cultura preventiva na sua averiguação. O conceito de gestão do risco surge da necessidade humana de tentar controlar o quotidiano incerto.

A gestão do risco compreende os processos de identificação dos riscos potenciais, analisando o seu possível impacto nos objetivos prioritários da(s) organização(ões) e presumindo a probabilidade da sua ocorrência, de modo a se determinar a melhor forma de atuação perante esses riscos. O risco existe nas mais variadas atividades e domínios do nosso dia a dia, podendo ser categorizado em dois grupos: risco natural, associado às condições meteorológicas e geológicas, e risco humano, associado às ações humanas a nível político, financeiro, cultural, social, empresarial e legal. Na maioria dos casos quando se pensa ou fala em risco natural a ideia que se evidencia logo é a de catástrofes ligadas a inundações, seca, tempestades, avalanches de terras, sismos e atividade vulcânica, entre outras. Ao nível de risco humano, as ações que interferem no bem-estar das pessoas e das organizações estão ligadas às condutas adotadas, nomeadamente a nível político, económico-financeiro e empresarial.

As deficiências na gestão do risco têm estado associadas nas últimas décadas às crises financeiras, sendo vistas como resultado da assunção de riscos excessivos pelos estados e pelas suas respetivas organizações a que se deixaram sujeitar. Assim a gestão do risco requer que os líderes/ dirigentes do estado, a nível central, regional e local, e das suas instituições diligenciem que seja efetuada a devida identificação e avaliação dos riscos associados que afetam as mesmas e a implementação de estratégias interligadas e comunicantes com toda a organização (central, regional e local) para gerir esses riscos, de modo a estabelecer uma estratégia adequada de gestão do risco. Para esse efeito, é necessário monitorizar todas as atividades envolventes à mesma, tendo em consideração os seus recursos materiais (instalações, equipamentos, etc.) e humanos. Só com esse levantamento de dados atualizado, que deve estar integrado num sistema de gestão do risco, que faculte à organização informação de qualidade, fiável e oportuna, é que é possível dar suporte à tomada de decisão, de modo a potenciar a devida alocação dos recursos disponíveis e de forma a mitigar potenciais impactos de alterações do risco que possam ocorrer bruscamente.

A gestão do risco tem de assumir uma abordagem holística, integrando um conjunto de atividades coordenadas para controlar os riscos associados ao desenvolvimento das mesmas, com base na identificação, na análise, no controlo, na monitorização, na avaliação e na comunicação de riscos. A gestão de riscos visa a antecipação de acontecimentos com um rumo pró-ativo com base no planeamento preventivo adotado com o propósito de atingir os objetivos delineados. Depois da identificação dos riscos, estes podem ser subdivididos em dois grupos diferenciados, designadamente objetivos ou subjetivos. A avaliação de riscos objetivos é geralmente realizada através de probabilidades que têm como base a experimentação, enquanto a análise de riscos subjetivos é baseada em

*Incerteza* → *Risco* ← *Conhecimento*



conhecimentos e experiência, usando uma abordagem qualitativa.

Um sistema de gestão de risco visa identificar e quantificar todo o risco, para que possam ser tomadas medidas adequadas. A gestão de risco é baseada, fundamentalmente, em dois aspetos, a probabilidade de um risco se tornar realidade e o impacto que ele terá na organização/instituição/sociedade. Para esse efeito, são utilizadas métricas, indicadores de gestão do risco, que medem o quanto o potencial dos riscos ocorrerem diminui e o quanto o impacto na organização/instituição/sociedade for controlado. A definição de indicadores de gestão de risco deve-se sempre pautar de modo a que os mesmos sejam relevantes, mensuráveis, específicos e temporais.

O recurso à Estatística e ao pensamento estatístico propicia que as decisões se baseiem em dados, factos concretos, e na aplicação de uma visão mais holística de solução de problemas e tomada de decisão e não em percepções ou experiências passadas. A recolha de dados e a sua adequada análise e tratamento possibilitam conhecer em detalhe todo o processo, averiguar esses potenciais riscos e entender melhor as fontes de variação associadas aos mesmos e que possibilitam uma atuação rápida e eficaz para o seu controlo.

É imprescindível que todos os agentes envolvidos estejam munidos de informações relevantes e necessárias e, por outro lado, é essencial melhorar a qualidade da informação a ser apresentada junto da população. A banalização de muitos números a todo o momento, sem serem devidamente enquadrados num determinado contexto e com o(s) significado(s) associado(s), promove a insensibilidade à realidade vigente. Já o povo diz, e com razão, que tudo precisa ser “com conta, peso e medida”. Nesta situação é preferível informação de qualidade, que seja pertinente e útil aos cidadãos e às instituições e que os ajudem a tomar as suas decisões de forma adequada. Todos os profissionais com formação científica, que utilizam de forma cuidadosa as metodologias estatísticas, prestam um relevante serviço na difusão da literacia

Estatística, em formar e informar toda a sociedade a escolher e a decidir com base no conhecimento.

Abordagens como a gestão do risco e o controlo de qualidade, entre outras, que utilizam a Estatística como suporte de apoio à tomada da decisão, possibilitam muitos benefícios às instituições e aos seus cidadãos, ao nível da redução das incertezas, melhoria no planeamento, melhoria das informações obtidas, melhoria da comunicação entre todos os seus intervenientes e promove a confiança entre todos, apresentando informações relevantes e objetivas para todos. A incerteza que nos rodeia no nosso dia a dia e alguma incredibilidade, com receios e medos que pairam no ar, associada aos riscos que corremos ou poderemos vir a correr num futuro próximo, tem de ser combatida em várias frentes de batalha, nomeadamente nos campos da saúde e da educação. Na área da formação e da educação é fundamental a promoção efetiva da literacia Estatística junto da população em geral e muito em particular e de forma muito ativa nos grupos dos mais jovens. A capacitação da população para lidar com a informação apresentada é imprescindível para que possam fazer a sua análise crítica e reflexiva, nesta sociedade da des(informação). Essa formação deveria também abranger os colaboradores dos órgãos de comunicação social, para ganharem algumas competências científicas de como comunicar com dados, o que poderia ajudar a melhorar a qualidade da informação veiculada. Numa sociedade democrática, os cidadãos devem exigir ainda que os seus líderes reduzam os riscos que podem afetar a sociedade e isso faz-se com a procura de conhecimento útil, o qual ajudará a minimizar custos e perdas a nível material e humano. A procura de conhecimento, com a partilha de quem o detenha ou possa vir a desenvolver para esse efeito, é um princípio para a sabedoria. Agora faça a sua parte! Cuide-se para não ser um fator de risco para si e para os outros. Não se deixe contagiar pelo medo e pela ignorância. Atue no dia a dia, com comportamentos exemplares e na busca do conhecimento.